

CONIMBRIGA



INSTITUTO DE ARQUEOLOGIA



VOLUME LII • 2013

FACULDADE DE LETRAS
UNIVERSIDADE DE COIMBRA

HUGO A. SAMPAIO

*Laboratório de Paisagens, Património e Território (Lab2pt), Universidade do Minho,
Campus de Gualtar, 4710-057 Braga, Portugal*

hugoaluai@gmail.com

TARCÍSIO D. P. MACIEL

Arqueólogo

tmaciel@sapo.pt

ANA M. S. BETTENCOURT

*Laboratório de Paisagens, Património e Território (Lab2pt), Universidade do Minho,
Campus de Gualtar, 4710-057 Braga, Portugal*

anabett@uaum.uminho.pt

PEDRO M.M.P. SIMÕES

*Instituto de Ciências da Terra da Universidade do Minho/Centro de Ciência da Terra
(ICT/UM/CCT), Campus de Gualtar, 4710-057 Braga, Portugal*

pimenta@dct.uminho.pt

A MAMOA DO CARREIRO DA QUINTA, LAJE, VILA VERDE,
NO DE PORTUGAL: RESULTADOS DE UMA ESCAVAÇÃO
DE EMERGÊNCIA

THE DOLMEN OF CARREIRO DA QUINTA, LAJE, VILA VERDE,
NW OF PORTUGAL: RESULTS FROM AN EMERGENCY
EXCAVATION

“Conimbriga” LII (2013) p. 37-65

RESUMO: Trabalhos de emergência durante a construção de uma moradia permitiram a escavação parcial do monumento megalítico do Carreiro da Quinta (Laje, Vila Verde, Braga). Atendendo à sua implantação espacial, ao registo de escavação e ao estudo dos materiais recolhidos, avançam-se algumas interpretações. Um

Conimbriga, 52 (2013) 37-65

machado e uma ponta de seta em matérias-primas alógenas e uma forma cerâmica datáveis do Neolítico situam a construção do monumento naquele período. Fragmentos cerâmicos de recipientes campaniformes e um número considerável de recipientes e fragmentos cerâmicos datáveis da Idade do Bronze apontam para a profusa reutilização do local entre o III e o II milénios a. C. Formas cerâmicas históricas terão resultado, quer de reutilizações, quer de violações do monumento.

PALAVRAS-CHAVE: Noroeste de Portugal; Monumento megalítico; Neolítico; Calcolítico; Idade do Bronze; Significação na longa diacronia.

ABSTRACT: Emergency works during the construction of a house allowed the partial excavation of the dolmen of Carreiro da Quinta (Laje, Vila Verde, Braga). Given its spatial implementation, the excavation record and the study of the recovered materials, some interpretations are proposed.

An axe and an arrowhead in non local raw materials and a ceramic vessel dating back from Neolithic situate the construction of the monument during that period. Bell Beaker sherds and a considerable number of ceramic vessels and sherds dating from the Bronze Age indicate its profuse reutilization between the 3rd and 2nd millennia BC. Historic ceramic pots and sherds result from either later reuses or recent monument's violations.

KEY WORDS: Portuguese Northwest; Dolmen; Neolithic; Chalcolithic; Bronze Age; Significance in the long diachrony.

A MAMOA DO CARREIRO DA QUINTA, LAJE, VILA VERDE, NO DE PORTUGAL: RESULTADOS DE UMA ESCAVAÇÃO DE EMERGÊNCIA

1. Introdução

Pensa-se que a Mamoa do Carreiro da Quinta seja a que foi referida nas inquirições paroquiais de 1758, no lugar da Cachada, então freguesia de Soutelo, concelho de Vila Verde, momento em que o Abade Francisco Xavier Leite Fragoas a descreve como “...*huma pedra redonda, [que] terá dez ou doze palmos de diametro, de grossura competente, levantada da terra de altura athé seis palmos, sobre sete pedras*” (SILVA 1985: 131). Esta descrição, correspondente à câmara pétreia, vinca a sua acentuada violação: “...*há poucos annos lhe terão cavado debaixo para ver se descobrem a mina; caberão, com aperto, debaixo della, dez homens*” (SILVA 1985: 131).

O levantamento arqueológico do concelho realizado na década de 80 não registava qualquer monumento no local (REGALO 1986). Contudo, aquando de trabalhos de prospeção, em outubro de 1999, um dos autores (TDPM) identificou, no lugar da Cachada, agora freguesia de Lajes, um monumento megalítico. Após conversa com o Sr. Joaquim da Costa Gonçalves, proprietário do terreno que procedia à agricultura de uma parcela agrícola, soube-se que estaria licenciada para aquela área a construção de uma moradia particular e que as obras começariam dentro de dias. Sensibilizado o proprietário, foram levadas a cabo diligências que asseguraram uma intervenção de emergência parcial no monumento¹ e o posterior acompanhamento da terraplanagem mecânica do seu *tumulus*. Em todo o processo foi decisiva a colaboração entre

¹ O sítio encontra-se registado na base de dados Endovélico, no Portal do Arqueólogo, com o CNS 2218.

o Grupo de Estudos Históricos do Vale do Neiva e os arqueólogos da Extensão de Vila do Conde do então Instituto Português de Arqueologia, Pedro Faria e Leonor Pereira, com o apoio parcial da Câmara Municipal de Vila Verde.

Apesar de todos os constrangimentos, entende-se que estes dados devam ser publicados dando a conhecer mais um monumento megalítico do NW português que teria sido alvo de significação até, pelo menos, a Idade do Bronze.

2. Contexto Administrativo, físico e arqueológico

A Mamoa do Carreiro da Quinta situa-se no lugar da Cachada, na freguesia da Laje, concelho de Vila Verde, distrito de Braga, embora popularmente o micro local fosse conhecido por “*Cemitério dos Mourros*”.

Segundo o sistema WGS 84, o monumento localiza-se às coordenadas de 41° 37.079 N e 8° 27.585 O, a c. de 68 m de altitude (FIG. 1).

Embora a área se encontre em processo de urbanização, ainda foi possível registar as suas características naturais. Assim, o monumento ocupou o topo de um pequeno outeiro existente numa plataforma S do Monte do Barbudo, de onde se obteria boa visibilidade sobre a paisagem circundante, caso esta não fosse arborizada à data da sua construção.

A geologia da região é dominada por rochas de composição granítica de idade varisca com manchas de rochas metassedimentares de idade silúrica (FIG. 2). No local do monumento o substrato rochoso é constituído por um granito biotítico com rara moscovite, de tendência porfiroide, de grão médio a fino, designado por granito de Braga (FERREIRA *et al.* 2000), que não aflora. Localmente encontra-se arenizado, com tonalidades brancas e amareladas. Nas imediações do monumento ocorrem depósitos fluviais (seixos, areias e areias argilosas) que preenchem os leitos dos atuais rios. A maior distância estão identificados depósitos de solifluxão e de vertente de idade holocénica formados por blocos e seixos dispersos numa matriz essencialmente de areia fina. Ocorrem, também, manchas de depósitos de terraços fluviais antigos (Quaternário Antigo) associados na sua maioria ao rio Cávado, predominantemente arenosos ou areno-argilosos, com alguns níveis conglomeráticos (BRAGA 1988, ALVES & PEREIRA 2000, FERREIRA *et al.* 2000).

Os blocos e seixos que ocorrem nos vários depósitos sedimentares são, na sua maioria, de quartzo, granito ou xisto.

Hidrologicamente constata-se que o local é bem irrigado e rico, distando c. de 500 m para O da ribeira de Barge e pouco mais de 1 km para N da margem direita do rio Cávado. A menos de 2 km para SE regista-se, ainda, a confluência do rio Homem com o rio Cávado.

No que refere a recursos metalíferos, as ocorrências de estanho são as mais numerosas. Embora, atualmente, não exista exploração de cassiterite (SnO_2) nas proximidades do monumento, sabe-se que a mesma teve lugar entre as décadas de 1940 e 1960, a maioria dos casos em associação à faixa metalífera Braga-Caminha, em filões pegmatíticos ou aplíticos, que ocorrem nas rochas metassedimentares ou em depósitos aluvionares do Quaternário Antigo. Próximo do monumento, a c. de 3,5 km para NO, ocorrem as mineralizações de SnO_2 na zona de Atiães, em filões ou nos depósitos sedimentares ao longo do ribeiro de Casal de Mato, a N do Cávado, e a O de Prado e de Oleiros (FERREIRA *et al.* 2000). Nas margens do Cávado e seus afluentes, num raio de c. de 10 km, estariam igualmente disponíveis aluviões de SnO_2 . Embora em menor número, mineralizações de tungsténio e de ouro estão identificadas em Marrancos e em Portela das Cabras.

No campo agrícola imediato foram encontrados 29 fragmentos de cerâmicas pré-históricas que poderão resultar da violação do monumento ou de atividades efetuadas nas suas imediações. Alguns destes são da Idade do Bronze, como quatro bases de fundo plano simples. De referir, ainda, dois fragmentos de seixos rolados, um quartzítico e outro granítico, recolhidos à superfície e nas imediações do *tumulus* do monumento.

O acesso ao local pode ser feito no sentido Prado-Laje, usando a EN205, cortando à esquerda pela EM 1194-2 para, c. de 500 m adiante, seguir pela direita (rua 1-B Lugar da Ramalha) e novamente esquerda (rua 10 Lugar da Ramalha), até à rua Carreira da Quinta. A moradia surgirá pelo lado direito.

3. Escavação

Não sendo possível evitar a destruição do monumento, apesar dos apelos junto da Câmara Municipal de Vila Verde e de haver disponibilidade do proprietário para construir a habitação ligeiramente ao lado

deste, caso fosse desviada a linha de alta tensão que passava nas imediações, efetuou-se, então, na última semana de dezembro de 1999 e inícios de janeiro de 2000, a intervenção de emergência no local, embora limitada pelas condições climáticas adversas, responsáveis, também, pelo atraso da construção da moradia. Além da limpeza genérica do monumento, realizou-se o seu levantamento topográfico, a implantação da quadrícula² e escavação de uma área de 46 m² que abarcou apenas o centro do monumento. Foram abertos um total de 10 quadrados de 2 m de lado e 3 quadrados de 2 m por 1 m. Foram, igualmente, realizados planos e perfis à escala 1: 20, os últimos dos quais abrangendo os quadrados A6, A7, A8, A9 e restante área do *tumulus* (corte E/O) e os quadrados A6, B6 e restante área do *tumulus* (corte N/S). Procedeu-se, igualmente, ao registo fotográfico analógico.

Apesar das limitações impostas desde o início, em março de 2000 foi possível acompanhar os trabalhos de remoção mecânica das terras do *tumulus* do monumento, o que permitiu identificar e recolher deposições que aí se encontravam.

3.1. Descrição do monumento e estratigrafia

Pese embora as poucas informações disponíveis, sabe-se que o monumento teria c. de 20 m no sentido N-S por 18,5 m no sentido E-O, atingindo, na altura da escavação, c. de 1,35 m de altura (FIG. 3). O seu *tumulus*, sem couraça pétreia, seria constituído por sedimentos e incluía anel lítico periférico. A câmara pétreia terá sido desmontada aquando de um ou mais episódio(s) de violação, tendo restado apenas um fragmento de esteio de granito de grão médio, identificado numa das valas de violação (FIG. 4). Este media 1,10 m de comprimento, 0,90 m de largura e 0,20 m de espessura e foi identificado nos quadrados A6, A7, B6 e B7, no fundo do que se considera a vala 1, de contorno ovalar, com o eixo maior no sentido NO-SE (2,2 m x 1,3 m) por 2,5 m de profundidade. Foram, ainda, identificadas outras duas valas de violação: no quadrado B7, a vala 2, de contorno irregular (1,4 m x 0,5 m), e, nos quadrados A7, A8, B7 e B8, a vala 3, de contorno sensivelmente

² Tal tarefa foi realizada com o auxílio do Gabinete de Topografia da Câmara Municipal de Vila Verde.

circular (1,4 m x 1 m). Estas perfuraram o substrato rochoso de base e poderão corresponder aos negativos deixados pela extração dos esteios. Assim sendo, a câmara do monumento distribuir-se-ia, hipoteticamente, pelos quadrados A6, A7, A8, B6, B7 e B8, isto é, sensivelmente a meio do *tumulus*, exceção feita ao lado E.

No quadrado A9, a ENE da possível área da câmara e a c. de 1,25 m da extremidade da vala 3, surge um anel lítico formado por blocos graníticos imbrincados (FIGS. 5A E 5B), que poderia corresponder aos limites exteriores de uma estrutura de contrafortagem.

Através da análise dos perfis estratigráficos da área central do monumento e do posicionamento dos artefactos nos diferentes estratos, depreende-se uma estratigrafia invertida, com materiais antigos recolhidos próximos da superfície e materiais recentes a cota mais profunda (FIG. 3). A intrusão de materiais de época histórica, alguns dos quais recentes, confirmam a violação da câmara pétreia do monumento, cujos esteios foram saqueados.

A área escavada compreende diferentes camadas, a saber:

Camada 1: sedimento de coloração castanha escura, com bolsas mais claras, areno-limosas, podendo atingir, na área central do monumento, a profundidade de 2 m, excetuando os quadrados A'8, A9, C7, C8 e D8. Este sedimento incluía fragmentos cerâmicos de fabrico manual e à roda. Deverá corresponder a sedimentos resultantes da violação da área central que também se espalharam sobre uma vasta área do *tumulus*.

Camada 1a³ (distribuição parcial, pelo menos nos quadrados A9 e A'9): sedimento de coloração castanha escura, limo-arenosa. Deverá corresponder a resquícios dos sedimentos que integravam o *tumulus*.

O interior das três valas de violação previamente descritas incluía, igualmente, diferentes camadas, a saber:

Vala 1

Camada 2: sedimento de coloração heterogénea, com intrusões de arena granítica intercaladas com sedimentos castanhos-escuros, mais limosos. Junto da sua base incluía um esteio fragmentado e, um pouco acima deste, fragmentos que permitiram reconstruir um vaso de cronologia pós-romana.

³ Esta camada foi definida após observação das fotografias.

Vala 2

Camada 2: sedimento de coloração heterogénea, com intrusões de arena granítica intercaladas com sedimentos castanhos-escuros, mais limosos.

Vala 3

Camada 2: sedimento de coloração heterogénea, predominando intrusões de arena granítica, por vezes intercaladas com sedimentos castanhos-escuros, mais limosos. Em toda a camada aparecem alguns seixos angulosos e blocos.

Camada 3: sedimento de coloração castanho-escuro, limo-arenosa.

Camada 4: sedimento de coloração amarela esbranquiçada, bastante arenosa. Identificada imediatamente abaixo do esteio fraturado.

Camada 5: sedimento de coloração castanho-escuro, com intrusões de arena granítica, de coloração mais clara, areno-limoso, com presença de raros calhaus.

Camada 6: sedimento de coloração amarela esbranquiçada, arenosa, de elevada compactidade. Poderá corresponder ao contacto com o substrato rochoso.

3.2. Materiais arqueológicos

Entre os materiais recolhidos figuram fragmentos e vasos cerâmicos e alguns líticos.

As características técnicas para as cerâmicas pré-históricas e a tabela de formas para o estudo das cerâmicas da Idade do Bronze basearam-se em Bettencourt (1999). Quanto às dimensões, estado das fraturas e grau de erosão dos fragmentos cerâmicos para análise dos processos pós-deposicionais foram aplicadas as premissas teóricas de Garrow *et al.* (2005) e Brudnell & Cooper (2008), definindo-se três intervalos dimensionais distintos: < 4 cm; > 4 cm e < 8 cm; e > 8 cm.

A ponta de seta foi classificada segundo os descritores de Inizan *et al.* (1999) e o machado segundo os critérios descritivos de Le Roux (1999: 134-135). Os materiais líticos foram, ainda, caracterizados quanto à “matéria-prima” e observados com lupa ocular (30 x 21 mm), a fim de detetar eventuais indícios de uso. Tentou-se, igualmente, perceber se a sua proveniência era local ou exógena através da

análise macroscópica com recurso a lupa binocular, em relação com a geologia local e regional.

Tendo em conta a divisão entre materiais cerâmicos e líticos, foi considerada a sua apresentação segundo a ordem cronológica, ou seja, do período mais antigo para o mais recente.

3.2.1. Espólio cerâmico

Apesar das condições de escavação e de acompanhamento da sua destruição, este monumento forneceu um número considerável e interessante de espólio cerâmico de diferentes cronologias. A maioria corresponde a fragmentos de panças de recipientes que terão sido fraturados durante as violações do monumento, embora algumas, de maiores dimensões, fossem provenientes da destruição do *tumulus* através de meios mecânicos. De um total de 56 fragmentos de panças, 27 são de cronologia pré-histórica e os restantes 29 de cronologia romana e pós-romana.

Os pré-históricos são de fabrico manual, pastas essencialmente arenosas e de cozedura redutora, variando as suas colorações entre o tom castanho claro a escuro. Alguns apresentam alisamento apenas externo, interno ou em ambas as superfícies. Raros, incluem restos de fuligem. Pelas suas características não é possível perceber a que formas pertencem, embora, alguns, de maiores dimensões, quer pelas especificidades da pasta, quer pelo local de achado, podem atribuir-se aos potes da forma 8, inseríveis na Idade do Bronze. Os materiais históricos, alguns dos quais tecnicamente semelhantes, pelo que deverão pertencer à mesma peça, denotam cozeduras oxidantes e fabrico à roda, com pastas bem depuradas, de coloração variável entre o creme, laranja, castanho-claro e castanho-escuro. As suas dimensões são variáveis, estando maioritariamente representados os fragmentos de menor dimensão.

Entre os materiais cerâmicos figuram algumas peças completas, ou de perfil passível de reconstituição formal, assim como fragmentos com decorações específicas que permitem ilações sobre o momento de construção deste monumento, assim como do seu tempo de reutilização e violação e que passaremos a explicitar.

Ao **Neolítico** corresponde um recipiente manual, de pasta arenosa e cozedura redutora, de cor acastanhada de 8,2 cm de diâmetro de bordo e 5,2 de profundidade (n.º de inv. 2005.0030) (FIG. 6A). Trata-se de um

vaso de bordo reentrante, de lábio adelgado arredondado, de pança semiesférica e de base convexa. Deteria dois orifícios de suspensão, do qual apenas resta um, de secção cónica menor pelo lado exterior e maior pelo lado interior, medindo, respetivamente, 0,5 cm e 0,6 cm. Foi recolhido em vários fragmentos, no quadrado B8, camada 1. Destaque, também, para um pequeno fragmento cerâmico de pasta grosseira, de coloração alaranjada, decorado com séries de puncionamentos irregulares, de hipotética cronologia neolítica⁴.

Inserível na primeira metade ou nos meados do III milénio a. C., ou seja, no **Calcolítico**, é um pequeno fragmento (< 4 cm) de bordo esvasado e lábio arredondado decorado com quatro sulcos horizontais, sob o bordo, seguidos de motivos incisos espinhados, encontrado no quadrado C'8, camada 1 (n.º inv. 2004.0349) (FIG. 7A). O mesmo se pode dizer de 24 fragmentos cerâmicos decorados e não decorados que, pelas suas características, pertencem a vasos campaniformes. São provenientes de quadrados distintos mas, de um modo geral, próximos entre si [quadrados A6/A7 (1ex.); A6 (1ex.); A7 (1ex.); A9 (1ex.); B7 (5ex.); B8 (8ex.); C7 (1ex.); C8 (4ex.); D7 (1ex.); D8 (1ex.)⁵]. Atendendo às pastas, espessuras, colorações e matriz decorativa estarão representados, quiçá, três vasos distintos. Os fragmentos decorados, num total de nove, apresentam linhas horizontais sucessivas e, frequentemente, linhas quebradas ou em ziguezague, pelo que se podem inserir nos campaniformes de tipo pontilhado geométrico (FIGS. 7B E 7C). Dois preservam, no interior das impressões, restos de incrustações orgânicas de coloração esbranquiçada (FIG. 7D). Os fragmentos não decorados totalizam treze exemplares. De um modo geral apresentam cozeduras redutoras e pastas arenosas, alguns dos quais com pequenas micas próprias das argilas utilizadas. As pastas são medianamente calibradas, com presença de e.n.p. de média a grande dimensão (em raros casos). Ao nível do acabamento, alguns denotam polimento interno e externo intenso, encontrando-se um exemplar corroído, sendo difícil perceber a sua composição decorativa. As suas colorações variam entre o avermelhado (9 fragmentos), o alaranjado (10 fragmentos) e o acinzentado

⁴ Deve referir-se que apenas os materiais que se encontram em depósito no Museu D. Diogo de Sousa, em Braga, estão indicados com o respetivo número de inventário. Os restantes encontram-se em depósito na sede do Grupo de Estudos Históricos do Vale do Neiva, na freguesia de Durrães (Barcelos).

⁵ Há ainda um fragmento deste tipo cuja proveniência se desconhece.

(6 fragmentos). De referir que, com exceção de dois fragmentos de coloração alaranjada, todos os restantes apresentam as paredes internas acinzentadas. Quanto às dimensões dos fragmentos, vinte e três são inferiores a 4 cm e apenas dois se encontram no intervalo entre os 4 cm e os 8 cm, o que denota quebra intensa. As suas arestas vivas (com uma exceção) correspondem a alterações pós-deposicionais, provavelmente relacionadas com a violação da câmara do monumento, nada fazendo prever a deposição intencional de fragmentos de vasos campaniformes mas sim de vasos inteiros.

À **Idade do Bronze** pertencem diversos fragmentos de bordos e recipientes inteiros que correspondem a dois vasos de forma indeterminada, dois púcaros (forma 10), três vasos de bordo horizontal (forma 13) e dois potes de colo alto (forma 8). Quase todos foram encontrados durante o acompanhamento da destruição do *tumulus*, motivo pelo qual se encontravam quer inteiros quer em fragmentos de grandes dimensões (> de 8 cm) e arestas angulosas, o que permite pensar que resultariam de vasos partidos durante as manobras da máquina.

Assim, algures, da base S do monumento é proveniente um vaso de colo alto (n.º inv. 2004.0348) (FIG. 8A). É provido de bordo em pequena aba horizontal, com lábio adelgado/arredondado, atingindo 29 cm de diâmetro externo de boca. A aba encontra-se decorada com digitações simples de contorno subcircular. Após o colo, o arranque da pança torna-se pronunciado pela presença da adição plástica de um cordão, sob o qual digitações de contorno subcircular se distribuem. No colo, digitações verticais finalizam a restante composição decorativa.

Fragmentos de um recipiente similar foram recolhidos do quadrado D8, camada 1, a S-SE da hipotética área da câmara pétreia (n.º de inv. 2004.0384) (FIG. 8B). Apresenta bordo horizontal, com lábio arredondado, atingindo 29,6 cm de diâmetro externo de boca. O seu colo encontra-se decorado com digitações ligeiramente diagonais, sob as quais é possível observar pelo menos uma digitação simples de contorno subcircular.

Já do quadrado A'9 e A'10, camada 1, respetivamente a NE e E-NE da hipotética câmara megalítica, foram recolhidas dois púcaros inteiros, apenas com as asas fraturadas (n.ºs inv. 2004.0343 e 2005.0344) (FIGS. 8C e 8D). Não se exclui a hipótese de ambos terem sido depositados já sem elas. O primeiro apresenta bordo vertical, lábio arredondado, pança ovoide, base de fundo plano simples. O elemento de preensão seria vertical e com secção sub-retangular. Inclui fuligem nas faces externas, em

área oposta à asa. Mede 8,8 cm de diâmetro externo de boca e 7,4 cm de profundidade. O outro púcaro (n.º inv. 2004.0343) detém bordo esvasado, lábio arredondado, pança ovoide e base de fundo plano simples. Mede 10,8 cm de diâmetro externo de boca e 10,2 cm de profundidade.

Em relação às formas 13, sabe-se que do quadrado A'6, camada 1, a NO da hipotética câmara pétrea do monumento, provêm dois fragmentos de bordo que, colando entre si, permitem a reconstrução parcial de um vaso de largo bordo, ou forma 13c (n.º inv. 2004.0347) (FIG. 8E). Encontra-se decorado na aba com séries de impressões de matriz subquadrangular formando três linhas horizontais das quais, de ambos os lados, partem séries de linhas oblíquas efetuadas com técnica semelhante. Do mesmo quadrado e camada foi recuperado outro vaso de largo bordo, cuja reconstrução através da colagem dos diversos fragmentos recolhidos, foi quase integral (n.º inv. 2004.0346) (FIG. 8F). A sua aba inclui uma composição decorativa metopada efetuada por incisão, composta por séries de linhas horizontais.

Por fim, do quadrado B'8, camada 1, a E-SE da eventual câmara, foi recolhido inteiro um terceiro vaso desta família, neste caso de médio bordo ou forma 13b (n.º inv. 2004.0345) (FIG. 8G). Na sua aba encontra-se uma composição decorativa composta por vinte e quatro incisões verticais assimétricas, de contorno oblongo e denotando diferentes comprimentos e profundidade, efetuadas com ponta larga e romba.

Há, ainda, dois fragmentos de bordos que permitiram a reconstituição parcial de vasos de forma indeterminada (n.ºs inv. 2015.0088 e 2015.0093) (FIGS. 8H E 8I). O primeiro corresponde a um bordo esvasado, com lábio arredondado, enquanto o segundo a um bordo reentrante, com lábio arredondado. Têm o diâmetro de boca de 42,4 cm e de 20 cm, respetivamente. Entre outros materiais que podem ser genericamente enquadrados na Idade do Bronze destaque para um elemento de preenchimento vertical de secção sub-retangular (n.º 6 do grupo de materiais com n.º inv. 2004.0352G) (FIG. 8J), recolhido do quadrado D7, camada 1.

No quadro de cerâmicas de época histórica, de destacar a presença de cerâmicas comuns romanas de cronologia indeterminada e de escassos restos de material de construção. De referir, ainda, a presença de parte de um alguidar (n.º inv. 2004.0351) e de uma tijela (n.º inv. 2004.0350), com 40 cm e 21 cm de diâmetro, respetivamente, ambos de cronologia pós-romana, de fabrico a torno e cozeduras oxidantes (FIG. 9).

3.2.2. Espólio lítico

Entre os artefactos líticos recuperados constam materiais em pedra lascada e em pedra polida. As “matérias-primas” utilizadas são o sílex, o anfíbolito, o granito, o quartzo e o quartzito.

Do quadrado C8, camada 1, foi recuperada uma ponta de seta efetuada sobre suporte laminar de 4,6 cm de comprimento por 1,7 cm de largura máxima e 0,5 cm de espessura. Tem base triangular irregular, secção sensivelmente subtriangular e retoque bifacial total, contínuo, invasor, rasante e escamoso. A matéria usada foi o sílex cinza, ligeiramente rosado (n.º de inv. 2005.0070) (FIG. 6B). Através da observação com lupa não foram detetados indícios de uso. O sílex utilizado não é local. Dos quadrados C7/C8, camada 1, foi recuperada um machado de contorno e secção sub-retangular, de faces regulares, de talão grande e irregular, de gume largo, convexo, com extremidade angulosa e sem indícios de uso (n.º inv. 2005.0007) (FIG. 6E). A sua superfície foi, apenas, parcialmente polida, principalmente na área mesial e do gume. Mede 10 cm de comprimento, 4,5 cm de largura no gume, 4 cm de largura no talão, 2,1 cm de espessura e pesa 195,7 g. Foi realizado em anfíbolito de grão fino, de cor esverdeada escura, evidenciando uma xistosidade fina. O seu grão mais escuro corresponde a cristais de anfífolas, que por vezes denotam um hábito prismático/acicular. Denota polimento parcial, pois as zonas mais reentrantes não sofreram tal ação. Através de observação com lupa ocular não foram detetados indícios de uso. A origem da matéria-prima poderá ser relativamente próxima já que, a c. de 3 km para N-NO do monumento, existem anfíbolitos, ainda que com reduzida expressão cartográfica (± 150 metros). Estes ocorrem nos xistos da Unidade de Vila Nune, na zona de Atiães, a NO da freguesia da Laje. Estão, ainda, registadas ocorrência de anfíbolitos, também com reduzida expressão, em Braga e a S de Braga, na zona de Lamas (FERREIRA *et al.* 2000). Do quadrado A8, camada 1, foi recolhido um fragmento de moinho manual movente, com fratura de ambos os lados, de contorno assimétrico e secção subtriangular, denotando acentuado polimento em três faces, sendo que, num dos vértices, indicia ligeiro picotado, hipoteticamente pelo seu uso enquanto percutor (n.º inv. 2015.0106) (FIG. 6C). É em granito alcalino biotítico, de grão médio a grosseiro, de cor rosada. Trata-se de um artefacto de matéria não local, sendo a sua área provável de proveniência o maciço granítico da Peneda-Gerês. Ainda no quadrado A8 mas da camada 3, foi

recolhida uma pequena lasca de quartzo cinza esbranquiçado, sem qualquer retoque.

Do quadrado A6, camada 1, foi recuperado um pequeno seixo rolado de contorno subtriangular e secção elíptica, denotando reduzida esfericidade, de granito biotítico de grão grosseiro, de cor clara (entre o creme e o cinza) (n.º inv. 2015.0109) (FIG. 6D). Deste mesmo quadrado e camada foram, ainda, recuperados dois seixos rolados de granito de grão médio. Um deles, de contorno elipsoidal, apresenta marcas de uso em ambas as extremidades, o que permite classificá-lo como percutor/triturador.

Do quadrado C9, camada 2, e do quadrado A7, camada 2, provêm outros dois seixos rolados de granito de grão médio. Daquele mesmo quadrado, mas da camada 3, é ainda oriundo um lítico indeterminado.

Do quadrado B7, camada 1, são originários dois seixos rolados, um em quartzito e outro em granito rosa, o último dos quais de origem regional, bem como um calhau de quartzo leitoso, de contorno sub-retangular, com indícios de uso numa das extremidades, possivelmente tendo servindo de polidor.

Todos estes seixos rolados, assim como o calhau de quartzo, serão de origem local.

4. Discussão dos dados e considerações finais

Pelo tipo de implantação do monumento, pelas dimensões e características do montículo artificial, pela espessura do fragmento de esteio encontrado na área da câmara e pela presença de espólio atribuível ao Neolítico, como o vaso globular, a ponta de seta de base triangular e o machado, considera-se que a sua construção terá ocorrido neste período cronológico cultural, provavelmente entre os finais do V e os finais do IV milénios a. C., intervalo cronológico para os poucos monumentos megalíticos datados radiometricamente no NO português (JORGE *et al.* 1987; JORGE 1991; BETTENCOURT 1991/1992). Se considerarmos que este monumento poderia ser o noticiado nas inquirições do séc. XVIII (SILVA 1985) como existente no lugar da Cachada, estaríamos face um a monumento megalítico de grande envergadura, com um esteio de cobertura da câmara funerária entre 2 a 2,40 m de diâmetro e uma câmara com, pelo menos, 7 esteios, indiciando planta poligonal, provavelmente

sem corredor, dado a inexistência de dados nesse sentido nas escavações efetuadas para o lado E.

Posteriormente, este monumento teria sido encerrado para ser reutilizado durante o Calcolítico e/ou o Calcolítico Final, como se comprova pelo fragmento de um vaso com decoração espinhada e pelos vasos campaniformes de tipo pontilhado geométrico. Ocorrências de cerâmica campaniforme deste tipo em contextos funerários megalíticos no NO português são recorrentes (CRUZ 1991; JORGE 2002; BETTENCOURT 2011), conforme se reconhece pelos exemplos detetados nos monumentos do Alto da Portela do Pau 1, 2 e 3, em Melgaço (JORGE *et al.* 1997), da Barrosa, em Caminha (JORGE 1986), de Guilhabreu, em Vila do Conde (PAÇO & PINTO 1961; JORGE 1986), de Chã de Parada 1 (JORGE & BETTENCOURT 1988), de Outeiro de Ante 2 (GONÇALVES 1984), de Monte Maninho (CRUZ 1987), de Vale de Juros (CARNEIRO *et al.* 1987), todos em Baião, e do Leandro 5, na Maia (RIBEIRO & LOUREIRO 2010), entre muitos outros⁶.

Posteriormente, durante a Idade do Bronze, o monumento foi igualmente reutilizado. A esta fase correspondem os potes de colo alto, os púcaros, os vasos de largo e médio bordo, entre outros de difícil classificação. Não será de descartar a hipótese do processo de reutilização, durante este período, se ter estendido no tempo, no quadro da sucessiva revisitação do local e de adição de novos sentidos. Pelo tipo de formas encontradas, coloca-se a hipótese desta reutilização se ter efetuado durante o II milénio a. C., provavelmente entre os finais do Bronze Inicial e durante o Bronze Médio. Os paralelos que justificam estas cronologias são vários. No que respeita aos potes de colo alto (forma 8), o melhor exemplo corresponde a um vaso similar proveniente de uma das mamoas de Prados, em Arcos de Valdevez, datado por radiometria de entre os séculos XVIII e XVI a. C. (BETTENCOURT 2010).

Para o caso dos vasos de bordo horizontal (forma 13), a sua presença em contextos funerários durante o II milénio a. C. encontra-se devidamente datada por radiometria no Pego e na Quinta do Amorim, em Braga, e em Faísca, concelho de Guimarães (datas inéditas). Em

⁶A deposição de vasos campaniformes também ocorre em monumentos funerários não megalíticos como, por exemplo, na Mamoa da Aspra, em Viana do Castelo, com câmara em fossa (SILVA 1989), que supomos ser mais recente, e no monumento de tradição megalítica de Chã de Carvalhal 1, em Baião, classificado como do Calcolítico Final/Bronze Inicial (CRUZ 1991, 1992).

contexto de reutilização de monumentos megalíticos este tipo de forma cerâmica surge em Marco de Camballón 5, em Vila de Cruces, Pontevedra (CALO LOURIDO & SIERRA RODRÍGUEZ 1983), no Monte da A Romea, em Lalín, Pontevedra (PRIETO MARTÍNEZ 2007) e em Lordelo de Cima/Chafé, em Viana do Castelo (dados inéditos).

Quanto aos púcaros (forma 10), são comuns durante toda a Idade do Bronze (BETTENCOURT 1997), pelo que é difícil determinar uma cronologia aproximada.

Com exceção de uma forma 13c (n.º inv. 2004.0347), o facto da maioria dos vasos da Idade do Bronze estarem intactos permite colocar a hipótese do seu posicionamento não ser, originalmente, o da área da câmara, a mais violada, conforme comprovado pela estratigrafia invertida. Hipoteticamente, estas reutilizações poderão ter sido perpetradas em diferentes áreas da massa tumular, a NO, a NE, a E-NE, a E-SE, a S-SE e a S, o que justificaria o seu bom estado de preservação. De notar que no NO Ibérico esta situação não é inédita, como se pode comprovar nos montículos artificiais da Madorra da Granxa, em Castro de Rei, Lugo (CHAO ALVAREZ & ALVAREZ MERAYO 2000), de Marco de Camballón 5 (CALO LOURIDO & SIERRA RODRÍGUEZ 1983) e do Monte da A Romea, todas na Galiza (PRIETO MARTÍNEZ 2007).

Na época romana o monumento terá sido de novo frequentado na área da câmara com funções que desconhecemos, dado a presença de cerâmica comum e de material de construção. Estes materiais tanto poderão associar-se a uma reutilização, o que não seria inédito se pensarmos no que ocorreu na Mamoa da Portela da Anta, em Arouca (SILVA, 2004), ou a uma violação.

Na verdade não sabemos quando se verificaram as várias violações. Contudo, se considerarmos a possibilidade deste monumento ser o citado nas inquirições paroquiais de 1758, nessa data a sua violação seria ainda parcial. A sua destruição terá continuado até aos séculos XIX-XX, como se depreende pela presença de cerâmicas recentes encontradas durante as escavações.

Quanto às práticas funerárias pouco podemos adiantar. No entanto verifica-se que, no Neolítico, os objetos líticos, como a ponta de seta e o machado, não aparentam indícios de uso, pelo que teriam sido realizados para as práticas fúnebres e para o acompanhamento dos cadáveres, tal como se verificou na Mamoa de Lamas, em Braga (BETTENCOURT 2013). De notar, ainda, que a matéria com que foram construídos, o anfibólito, o sílex e o granito rosa, não parece ser aleatória, revelando,

nos dois últimos casos, uma origem alóctone, no quadro de uma rede de contactos e de transporte de matérias significantes, bem conhecida pelas populações neolíticas que construíram e usaram este monumento. Ao mesmo tempo, indiciam a junção, num cenário circunscrito, de uma diversidade de sentidos e propriedades conferidas por cada história de vida destes objectos e pelas propriedades das suas matérias. O recipiente cerâmico não demonstrou qualquer aderência, pelo que é difícil, sem análises de química orgânica, perceber o que conteria. O mesmo se pode dizer dos vasos campaniformes, que não demonstram indicadores macroscópicos de aderências orgânicas ou de fuligens. Já os vasos de largo e médio bordo, tal como em muitos contextos funerários do NO português, contêm restos de fuligem, cuja distribuição se desenvolve maioritariamente na área oposta à asa (BETTENCOURT 2011b). Tal vem confirmar a sua associação com ritos de fogo, tendo servido para queimar substâncias “gordurosas”, revelando atitudes comuns no âmbito das práticas fúnebres, por parte de espetros significativos de populações da Idade do Bronze (BETTENCOURT 2011b), pelo menos desde o S da Galiza ao S do Douro, sem grande expressão para o interior, o que revelará, independentemente dos contextos funerários onde ocorrem, um mundo ideológico e concepções comuns perante a morte de um vasto território.

A Mamoa do Carreiro da Quinta parece ter sido um grande monumento existente em área de baixa altitude e com potencialidades agropastoris, cuja visibilidade seria potenciada pela sua localização no topo de um outeiro dominando a paisagem circundante. Teria sido, também, um lugar significativo na longa diacronia, tendo as populações do III e do II milénios a.C. reutilizado o monumento, conferindo-lhe novos sentidos e integrando o passado nas suas novas cosmologias.

Apesar de serem desconhecidos povoados pré-históricos nas suas imediações, não é difícil pensar que, pelo menos as populações do Bronze Médio, teriam aproveitado os recursos de ouro e de cassiterite de aluvião que existiram nos cursos de água das proximidades do monumento ou do rio Cávado. De recordar que o machado de talão sem argolas de Retortas, Prado (S.^{ta} Maria), depositado nas argilas do Cávado (BETTENCOURT 1988) afinal fica apenas a c. de 3 km para SW deste local.

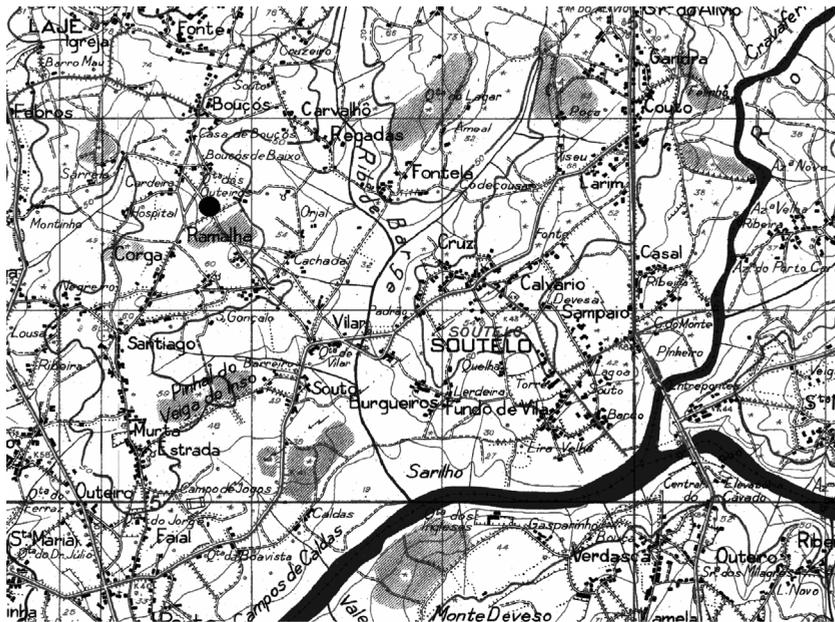
AGRADECIMENTOS: este trabalho foi desenvolvido no âmbito do projeto “*Espaços Naturais, Arquiteturas, Arte rupestre e Deposições na Pré-história Recente da Fachada Ocidental do Centro e Norte Português: das Ações aos Significados – ENAR-DAS*” (PTDC/HIS-ARQ/112983/2009), financiado pelo Programa Operacional Temático Fatores de Competitividade (COMPETE) e comparticipados pelo Fundo Comunitário Europeu (FEDER). Os autores estão gratos à Dr^a Isabel Silva, diretora do Museu D. Diogo de Sousa, em Braga, onde este material está depositado, pelas facilidades concedidas no seu estudo. De igual modo se agradece a Amélia Marques, a Clara Lobo e a Manuel Santos, desta instituição, os desenhos, a pesquisa documental e as fotografias usadas neste trabalho. O nosso agradecimento vai, ainda, para Jorge Ribeiro, António Dinis e Lília Freitas pela classificação das cerâmicas romanas e pós-romanas, respetivamente, e para os revisores deste texto que contribuíram, positivamente, com as suas sugestões construtivas.

BIBLIOGRAFIA

- ALVES, M.I.; PEREIRA, D.I. 2000. A sedimentação e a gliptogénese no registo Cenozóico continental do Minho (NW Portugal). *Ciências da Terra* 14: 101-112.
- BETTENCOURT, A.M.S. 1988. Novos achados metálicos do Bronze Final na bacia do médio Cávado, *Cadernos de Arqueologia* 5: 9-22.
- BETTENCOURT, A.M.S. 1991/1992. A mamoa n.º 10 do Chão da Cheira, maciço do Borrelho-Vila Verde, *Cadernos de Arqueologia* 8/9: 43-65.
- BETTENCOURT, A.M.S. 1997. Expressões funerárias da Idade do Bronze no Noroeste peninsular, *Actas do II.º Congreso de Arqueología Peninsular*, Fundación Rei Afonso Henriques, Zamora, pp. 621-632.
- BETTENCOURT, A.M.S. 1999. *A Paisagem e o Homem na Bacia do Cávado Durante o II e I Milénios AC*. Braga: Universidade do Minho (Tese de Doutoramento).
- BETTENCOURT, A.M.S. 2010. La Edad del Bronce en el Noroeste de la Península Ibérica: un análisis a partir de las prácticas funerárias. *Trabajos de Prehistoria* 67 (1): 139-173.
- BETTENCOURT, A.M.S. 2011a. El vaso campaniforme en el Norte de Portugal. Contextos, cronologías y significados. In M.P. Prieto Martínez & L. Salanova (eds.) *Las Comunidades Campaniforme en Galicia. Cambios Sociales en el III y II Milénios BC*. Pontevedra: Diputación de Pontevedra, pp. 363-414.
- BETTENCOURT, A.M.S. 2011b. Estruturas e práticas funerárias do Bronze Inicial e Médio do Noroeste Peninsular, in P. Bueno, A. Gilman, C. Martín Morales & F. J. Sánchez-Palencia (eds.) *Arqueología, Sociedad, Territorio y Paisaje. Estudios sobre Prehistoria Reciente, Protohistoria y Transición al Mundo Romano en Homenaje a M^a Dolores Fernández Posse*, Bibliotheca Praehistorica Hispana (BPH) XXVII, Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas, Instituto de Historia, pp. 115-139.
- BETTENCOURT, A.M.S. 2013. Mamoa de Leira das Mamas, Lamas, Braga. In A.M.S. *Conimbriga*, 52 (2013) 37-65

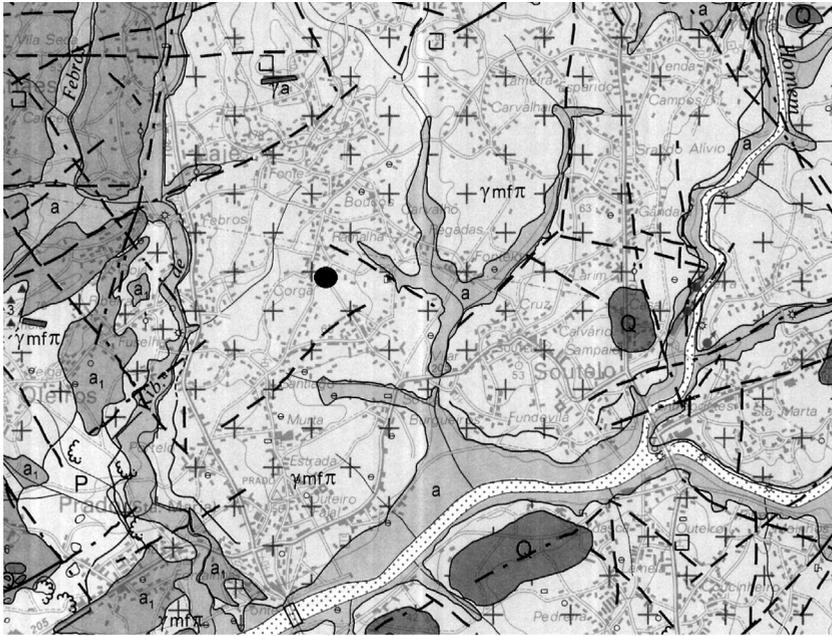
- Bettencourt (ed.) *A Pré-História do Noroeste Português*. Territórios da Pré-História em Portugal, Edição Bilingue (vol. 2). Braga/Tomar: CEIPHAR/CITCEM, pp. 149-154.
- BRAGA, M.A.S. 1988. *Arenas e Depósitos Associados da Bacia de Drenagem do Rio Cávado, Portugal: Contribuição para o Estudo da Arenização*. Braga: Universidade do Minho (Tese de Doutoramento).
- CALO LOURIDO, F.; SIERRA RODRÍGUEZ, X.C. 1983. As orixenes do castrexo no Bronze Final. In G. Pereira (ed.) *Estudos de Cultura Castrexa e de História Antiga de Galicia*. Santiago de Compostela: Universidade de Santiago de Compostela, pp. 19-85.
- CARNEIRO, A.L.; CLETO, J.; MOREIRA, M.; FARO, S. 1987. Novas mamoas no concelho de Baião. *Arqueologia* 15: 158-160.
- CHAO ÁLVAREZ, F.J.; ÁLVAREZ MERAYO, I.A. 2000. A Madorra da Granxa: o túmulo mais grande de Galicia? *Brigantium* 12: 41-63.
- CRUZ, D.J. 1987. Escavação da Mamoa de “Monte Maninho” (Serra da Aboboreira -Baião). *Trabalhos de Antropologia e Etnologia* 27: 65-84.
- CRUZ, D.J. 1991. *A mamoa 1 de Chã de Carvalhal no contexto arqueológico da Serra da Aboboreira e da Pré-história Recente do Norte de Portugal*. Coimbra: Faculdade de Letras (Trabalho apresentado para Provas Públicas de Aptidão Pedagógica e Científica - Policopiado).
- CRUZ, D.J. 1992. *A mamoa 1 de Chã de Carvalhal (Serra da Aboboreira)*. Coimbra: Instituto de Arqueologia da Faculdade de Letras.
- FERREIRA, N.; DIAS G.; MEIRELES C.; SEQUEIRA BRAGA, A. 2000. *Notícia Explicativa da Carta Geológica de Portugal nº 5-D Braga (2ª Edição), escala 1/50 000*. Lisboa: Instituto Geológico Mineiro.
- GONÇALVES, A.H.B. 1984. Escavações na Mamoa nº 2 de Outeiro de Ante - Serra da Aboboreira. *Arqueologia* 9: 22-41.
- INIZAN, M.-L.; REDURON-BALLINGER, M.; ROCHE, H.; TIXIER, J. 1999. *Technology and Terminology of Knapped Stone*. Nanterre: CREP.
- JORGE, S.O. 1986. *Povoados da Pré-História Recente da Região de Chaves-Vª. Pª. de Aguiar* (3 vols.). Porto: Instituto de Arqueologia da Faculdade de Letras do Porto.
- JORGE, S.O. 2002. An all-over corded Bell Beaker in Northern Portugal: Castelo Velho de Freixo de Numão (Vila Nova de Foz Côa): some remarks. *Journal of Iberian Archaeology* 4: 107-129.
- JORGE, V.O.; BETTENCOURT, A.M.S. 1988. Sondagens arqueológicas na mamoa 1 de Chã de Parada (Baião). *Arqueologia* 17: 73-118.
- JORGE, V.O. 1991. Necrópole Pré-histórica da Aboboreira (distrito do Porto. Uma hipótese de diacronia. *Homenagem a J. R. dos Santos Júnior*. Lisboa: ICT: 205-213.
- JORGE, V.O.; SILVA, E.; BAPTISTA, A.M.; JORGE, S.O. 1997. *As Mamoas do Alto da Portela do Pau (Castro Laboreiro, Melgaço)*. *Trabalhos de 1992 a 1994*. Porto: Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia.
- LE ROUX, C.-T. 1999. *L'Outillage de Pierre Polie en Metadolerite du type A. Les Ate-*
Conimbriga, 52 (2013) 37-65

- liers de PLussulien (Cotes-d'Armor): Production et Diffusion au Néolithique dans la France de l'Ouest et au Delà.* Rennes: Université de Rennes I.
- MACIEL, T.D.P. 2000. *Intervenção Arqueológica de Emergência na Mamoa da Laje – Vila Verde.* Relatório Técnico Científico entregue ao IPA. Braga.
- PAÇO, A.P.; PINTO, E. 1961. Vasos campaniformes da Mamoa de Guilhabreu (Vila do Conde). *Boletim Cultural da Câmara Municipal de Vila do Conde* 2: 9-24.
- PRIETO MARTÍNEZ, M.P. 2007. Volviendo a un mismo lugar: recipientes y espacios en un monumento megalítico gallego (NW de España). *Revista Portuguesa de Arqueologia* 10 (2): 101-125.
- RIBEIRO, A.T.; LOUREIRO, L. 2010. A Mamoa 5 do Leandro, Silva Escura, Maia. Uma arquitectura tumular megalítica provida de corredor médio. *O Rio da Memória: Arqueologia no Território do Leça.* Matosinhos: Câmara Municipal, pp. 42-46.
- SILVA, A.M.S.P. 2004. Castros, castrejos e romanos. A ocupação das terras de Arouca entre a Proto-história e a romanização. In A.M.S.P. Silva (coord.) *Memórias da Terra. Património Arqueológico do Concelho de Arouca.* Arouca: Câmara Municipal, pp. 207-235.
- SILVA, D.M. 1985. *As Terras de Vila Verde do Minho no Dicionário Geográfico do Reino de Portugal até 1758.* Vila Verde: Câmara Municipal.
- SILVA, E.J.L. 1989. Escavação da Mamoa da Aspra, Vila Praia de Âncora (Caminha). *Revista de Ciências Históricas* 4: 13-38.



1 km

FIG. 1 – Excerto de C.M.P., folha 56, à escala 1:25 000, com localização do monumento megalítico de Carreiro da Quinta (Laje, Vila Verde).



1 km

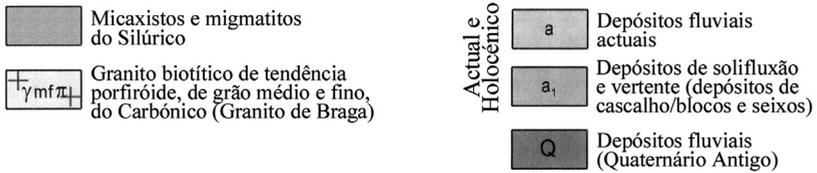


FIG. 2 – Excerto de C.G.P., folha 5-D (Braga), escala 1:50 000, com localização do monumento megalítico de Carreiro da Quinta (Laje, Vila Verde).



Materias com localização precisa:

- 1 - tijela de época histórica
- 2 - ponta de seta (sílex)
- 3 - enxó (anfíbolito)
- 4 - vaso de bordo horizontal (fragmentos)
- 5 - vaso de bordo horizontal
- 6 - púcaro
- 7 - púcaro

FIG. 3 – Planta do monumento e respetivos cortes estratigráficos com implementação da quadrícula de escavação e posicionamento de alguns dos materiais.

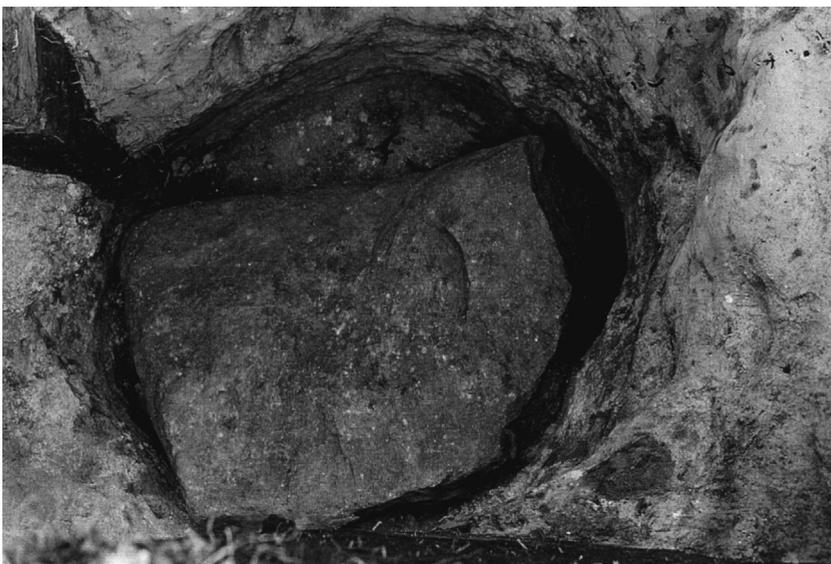


FIG. 4 – *Pormenor de vala de violação onde se observa um fragmento de esteio com c. de 1,10 metros de comprimento, c. de 0,90 m de largura e c. de 0,2 m de espessura.*



FIG. 5A E 5B – Extremidade do hipotético contraforte da câmara que terá restado após forte violação do monumento.

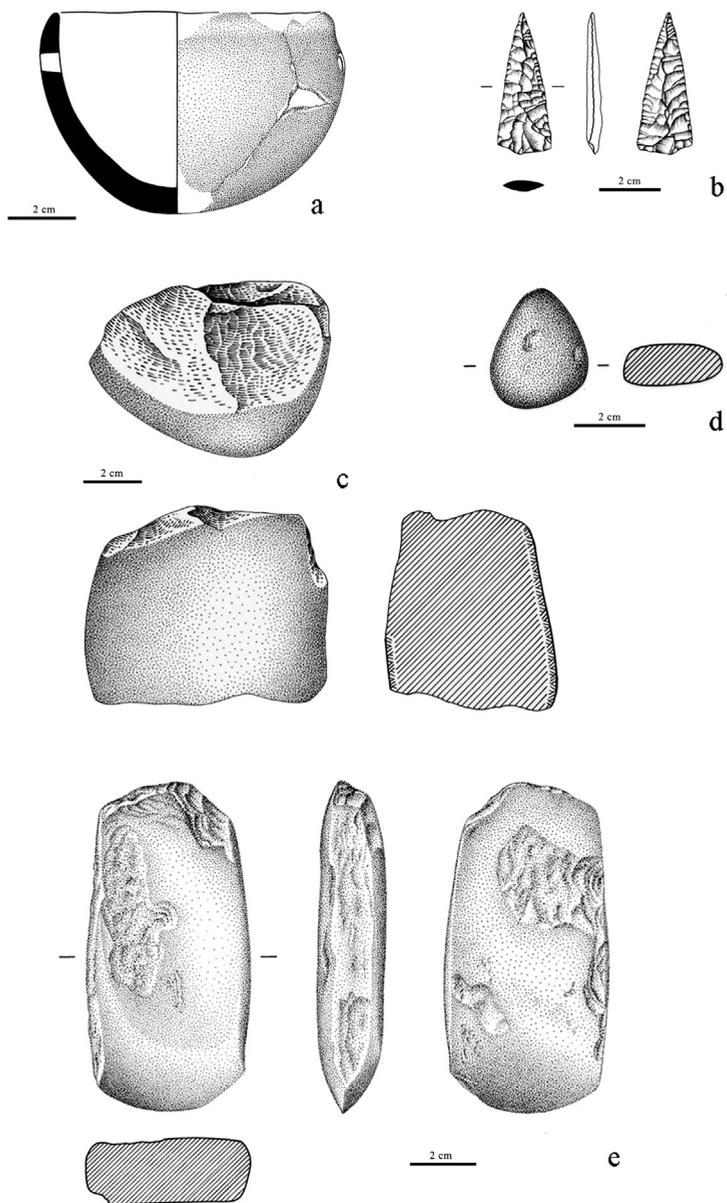


FIG. 6 – a: Vaso cerâmico (n.º de inv. 2005.0030); b: ponta de seta em sílex (n.º de inv. 2005.0070); c: fragmento de moinho manual (movente) em granito rosa (n.º inv. 2015.0106); d: seixo rolado (n.º inv. 2015.0109); e: enxó em anfíbolito (n.º inv. 2005.0007).

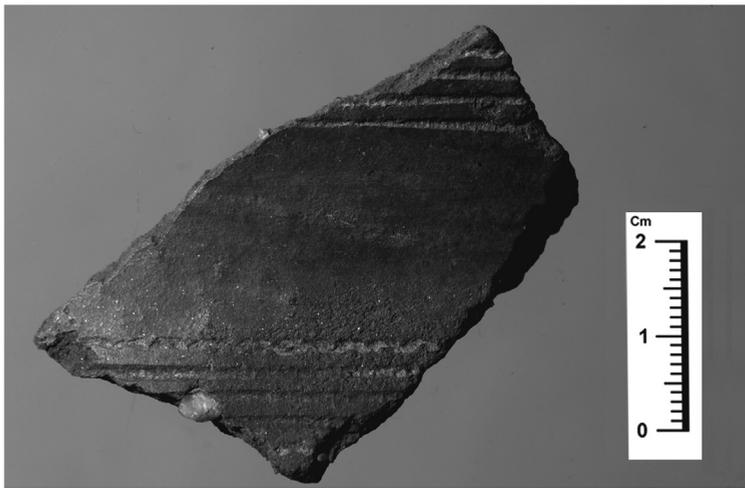
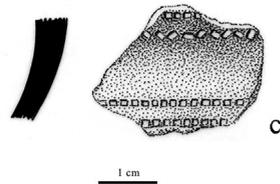
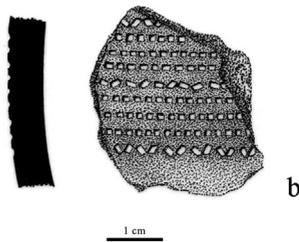
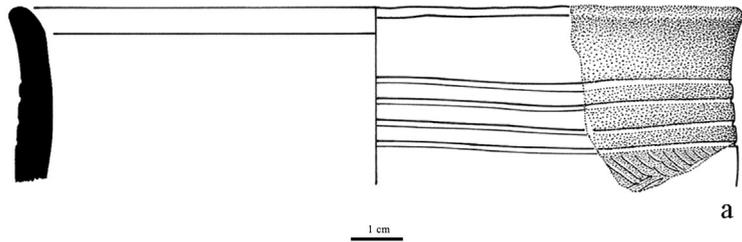


FIG. 7 – a: Fragmento de bordo esvasado com decoração incisa (n.º inv. 2004.0349);
 b-c: fragmentos de cerâmica campaniforme de tipo pontilhado geométrico;
 d: fragmento de campaniforme de tipo pontilhado geométrico preservando restos
 de matéria orgânica de coloração esbranquiçada (n.º inv. 2015.0089).

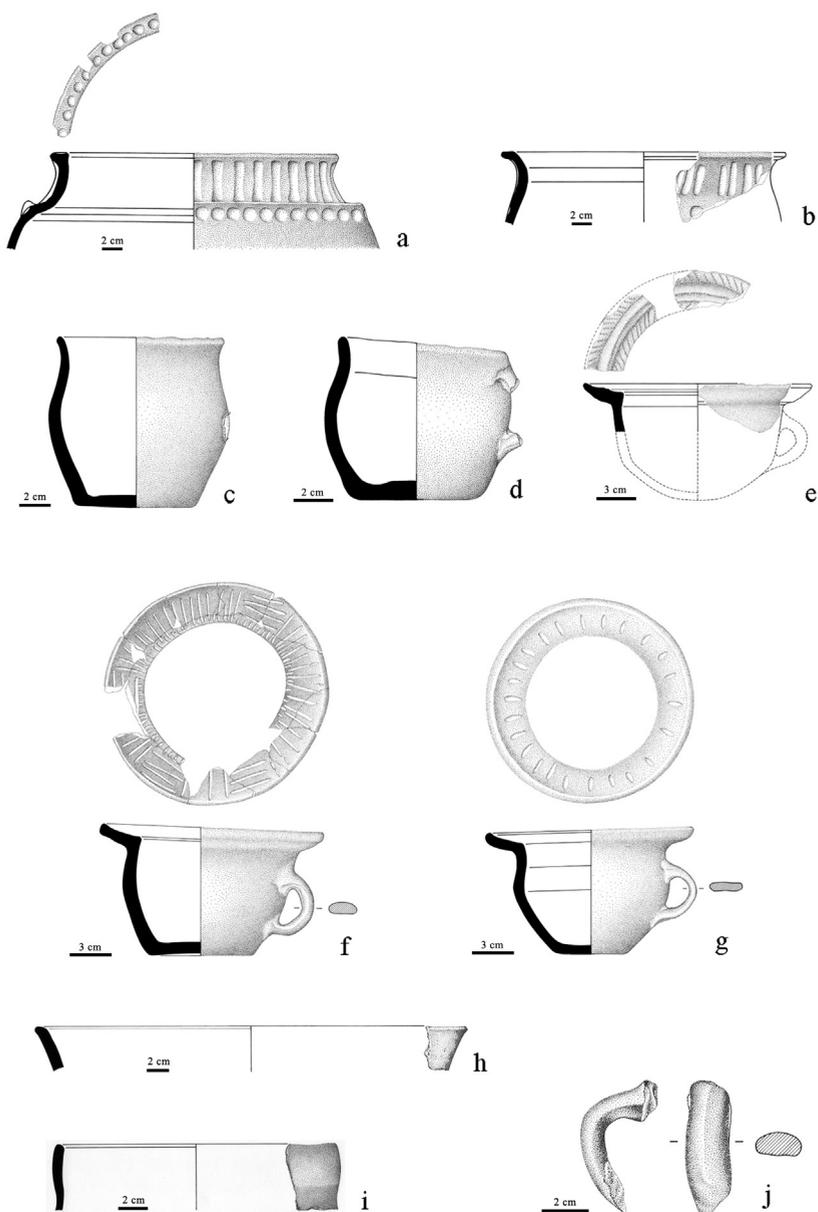


FIG. 8 – a-b: Potes de colo alto (n.ºs inv. 2004.0348 e 2004.0384); c-d: púcaros fraturada (n.ºs inv. 2004.0343 e 2005.0344); e-g: vasos de bordo horizontal (n.ºs inv. 2004.0345, 2004.0346 e 2004.0347); h-i: fragmentos de bordo de potes de forma indeterminada (n.ºs inv. 2015.0088 e 2015.0093); j: elemento de preensão vertical (n.º 6 do grupo de materiais com n.º inv. 2004.0352G).

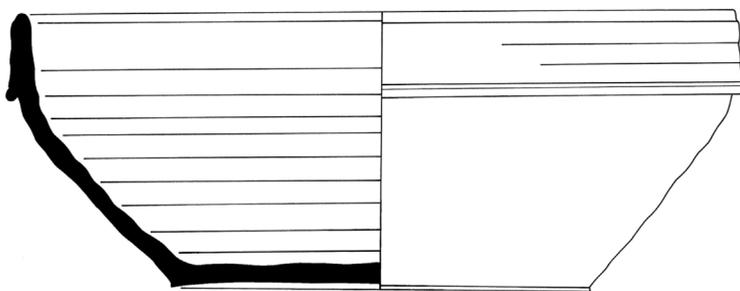


FIG. 9 – *Tijela de cronologia histórica (n.º de inv. 2004.0350).*

APOIO

